

Análise de uma situação social na Zululândia moderna¹

Max Gluckman

I A organização social da Zululândia moderna

Introdução

A África do Sul é um Estado nacional habitado por 2.003.512 brancos, 6.597.241 africanos e vários outros grupos raciais.² Sua população não forma uma comunidade homogênea porque o Estado basicamente está constituído por sua divisão em grupos raciais de vários *status*. Portanto, o sistema social do país é composto, predominantemente, de relações interdependentes em cada grupo e entre os vários grupos como grupos raciais.

1 Do original "Analysis of a social situation in modern Zululand" (Gluckman, 1958). Tradução de Roberto Yutaka Sagawa e Maura Miyoko Sagawa.

2 Outros grupos raciais: 767.984 euro-asiáticos/euro-africanos (de cor) e 219.928 asiáticos. Cifras de acordo com o censo de 1936, Relatório Preliminar UG 50/1936.

Neste ensaio, analisarei as relações entre africanos e brancos do norte da Zululândia, baseando-me em dados coletados durante dezesseis meses de pesquisa de campo, realizada entre 1936 e 1938.³ Cerca de dois quintos dos africanos da África do Sul moram em áreas reservadas, distribuídas por todo país. Apenas alguns europeus (administradores, técnicos do governo, missionários, comerciantes e recrutadores) vivem nessas reservas. Os homens africanos costumam migrar das reservas, por curtos períodos, a fim de trabalhar para fazendeiros brancos, industriais ou se empregar como criados domésticos. Findo o trabalho, retornam às suas casas. A comunidade de africanos de cada reserva mantém estreitas relações econômicas e políticas, bem como outros tipos de relações com o restante da comunidade africana branca do país. Por isso, quando se explicitam os problemas estruturais em qualquer reserva, é preciso analisar amplamente como e em que profundidade a reserva está inserida no sistema social do país, quais relações dentro da reserva envolvem africanos brancos e como são afetadas e afetam a estrutura de cada grupo racial.

Pesquisei, no norte da Zululândia, uma seção territorial do sistema social da África do Sul, especificando suas relações com o sistema como um todo. Acredito, entretanto, que provavelmente o padrão dominante da área pesquisada se assemelhe ao de qualquer outra reserva do país.⁴ Deve, além do mais, apresentar

3 Pesquisa financiada pelo Ministério Nacional de Educação e Pesquisa Social do Departamento de Educação da União (Fundo Carnegie), ao qual agradeço pela verba. Trabalhei nos distritos de Nongoma, Mahlabatini, Hlabisa, Ullombo, Ingwavuma, Ngqotshe e Vryheid (ver o mapa da África do Sul). O dr. A. W. Hoernlé supervisionou e estimulou meu trabalho de tal modo que sequer consigo agradecer adequadamente.

4 Posso assinalar aqui que as pesquisas da senhora Hilda Kuper na Swazilândia, o território vizinho que está sob proteção britânica, mostram muitas dessas similaridades. Reconheço com gratidão minha dívida para com a senhora Kuper, com quem discuti em detalhes os nossos resultados. Não posso indicar aqui o muito que devo a ela. O senhor Godfrey Wilson, A. W. Hoernlé e o professor Shaperá criticaram o primeiro rascunho deste meu ensaio.

possíveis analogias com outras áreas localizadas em Estados heterogêneos onde, embora vivendo separados, grupos socialmente inferiores (do ponto de vista racial, político e econômico) inter-relacionam-se com os grupos dominantes. Não pretendo, aqui, desenvolver nenhum estudo comparativo; no entanto, vale a pena salientar o contexto mais amplo dos problemas sob investigação.

Como forma de iniciar esta análise, descrevo uma série de eventos conforme foram registrados por mim em um único dia. As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações em uma sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições etc. daquela sociedade. Por meio dessas e de novas situações, o antropólogo deve verificar a validade de suas generalizações.

Como o meu enfoque dos problemas sociológicos da África moderna não foi previamente utilizado no estudo do que se convencionou chamar "contato cultural", apresento um material de pesquisa detalhado. Dessa maneira, será possível avaliar melhor e criticamente a abordagem adotada.⁵ Escolhi deliberadamente estes eventos particulares, retirados de meu diário de campo, porque ilustram de forma admirável o que estou tentando enfatizar neste ensaio. Poderia, entretanto, ter selecionado igualmente inúmeros outros eventos ou citado outras ocorrências do cotidiano da Zululândia moderna. Descreverei os eventos da forma como os documentei, em vez de adicionar à minha descrição tudo aquilo que já conhecia previamente sobre a estrutura total da Zululândia moderna. Espero que, dessa forma, a força do meu argumento possa ser mais bem apreciada.

5 A técnica, é claro, tem sido amplamente empregada por outros antropólogos.

As situações sociais

Em 1938, estava morando no sítio (*homestead*) de Matolana Ndwandwe⁶ um conselheiro do regente e representante governamental. O sítio localiza-se a quase 21 quilômetros da magistratura europeia e da Vila de Nongoma, e a 3,2 quilômetros do armazém de Mapopoma. No dia 7 de janeiro, acordei ao amanhecer e preparei-me para ir a Nongoma na companhia de Matolana e de meu criado Richard Ntombela, que vive em um sítio aproximadamente oitocentos metros distante da casa do meu anfitrião. Naquele dia, meu plano era comparecer de manhã à inauguração de uma ponte no distrito vizinho de Mahlabarini e logo após, à tarde, a um encontro distrital na magistratura de Nongoma.

Richard, um cristão que morava com três irmãos pagãos, veio vestido com suas melhores roupas europeias. Ele é um "filho" para Matolana, pois a mãe de seu pai era irmã do pai de Matolana. Richard preparou o vestuário de Matolana para ocasiões especiais: uniforme de jaqueta cáqui, calças de montaria, botas e polainas de couro.

Estávamos a ponto de deixar a casa de Matolana quando fomos retardados pela chegada de um policial uniformizado do governo zulu, empurrando a sua bicicleta, e acompanhado por um prisioneiro algemado, um estranho no nosso distrito, que estava sendo acusado de roubar ovelhas em algum outro lugar. O policial e o prisioneiro cumprimentaram Matolana e a mim. Respondemos ao cumprimento do policial, que é membro de um ramo colateral da família real zulu, com as saudações dignas de um príncipe (*umtwana*). Então, o policial relatou a Matola-

6 Ele é o representante do rei zulu no subdistrito de Kwadabazi (Mapopoma). O rei era, então, legalmente, o único chefe da pequena tribo Usuthu. A posição do representante é reconhecida pelo governo, já que ele pode julgar casos civis. Suas decisões, depois de registradas na magistratura, serão reforçadas pela Corte Mensageira do Governo, se necessário. Ele é um dos conselheiros mais importantes do rei.

na como tinha capturado o prisioneiro com a ajuda de um de seus guardas particulares.⁷ Matolana repreendeu o prisioneiro dizendo que não admitiria escórias (*izigebengu*) no seu distrito. Voltou-se, em seguida, para o policial e criticou o governo por esperar que ele e sua guarda particular ajudassem a capturar pessoas perigosas, sem pagar nada por esse serviço, nem levar em consideração nenhuma recompensa aos seus dependentes, caso fossem mortos. Matolana frisou ainda que trabalhava muitas horas administrando a lei para o governo, sem receber salário; disse também que era suficientemente inteligente para deixar de fazer esse trabalho e voltar às minas, onde costumava ganhar dez libras por mês como capataz.

O policial foi embora com seu prisioneiro. Em seguida, partimos em meu carro para Nongoma. Paramos no meio do caminho para dar carona a um velho, líder de sua pequena seita cristã, fundada por ele próprio e cuja paróquia foi construída em seu sítio. Esse velho líder atribui a si o título de supremo na sua igreja, mas as pessoas consideram a sua seita, que não é reconhecida pelo governo, como parte dos zionistas, uma grande igreja separatista nativa (encontrada em Zululândia, Natal, Swazilândia e outros lugares do país). O velho líder estava se dirigindo a Nongoma para comparecer ao encontro da tarde como um representante do distrito de Mapopoma. Ele sempre desempenhou esse papel, em parte por causa de sua idade e, em parte, por ser o líder de um dos grupos de parentesco local. Embora qualquer um possa comparecer e falar nessas reuniões, há pessoas que são reconhecidas como representantes pelos pequenos distritos. Separamo-nos no hotel, em Nongoma. Enquanto os três zulus foram à cozinha para tomar o café da manhã, resolvi tomar banho, antes do desjejum. Ao voltar para o café da manhã, sentei-me à mesa com L. W. Rossiter, veterinário do governo para

7 Nomeados por Matolana com a aprovação do magistrado e do rei zulu. Eles recebem uma pequena parte dos impostos da Corte.

os cinco distritos da Zululândia do Norte.⁸ Conversamos sobre as condições das estradas e sobre as vendas de gado pelos nativos locais. Ele também estava indo à inauguração da ponte e tinha, como eu, um interesse particular nesse evento, pois a ponte havia sido construída sob a direção de J. Lentzner, da equipe de engenharia do Departamento de Assuntos Nativos, um grande amigo e velho colega de escola de ambos.

O veterinário do governo sugeriu que Matolana, Richard e eu viaássemos em seu carro até a ponte, pois estava acompanhado por apenas um nativo da sua equipe. Por meu intermédio, ele já havia estabelecido relações cordiais com Matolana e Richard. Fui à cozinha dizer a Matolana e Richard que seguiríamos no carro do veterinário e ali fiquei por uns instantes conversando com os dois e com os empregados zulus do hotel. Quando saímos ao encontro do veterinário, todos trocaram cumprimentos, cada um indagando cerimoniosamente sobre o estado de saúde do outro. Matolana tinha uma série de reclamações (pelas quais já era conhecido entre os funcionários qualificados do governo) sobre o extermínio dos parasitas de gado. A maioria das reclamações era tecnicamente injustificada. O veterinário e eu sentamos no banco da frente do carro, enquanto os três zulus sentaram atrás.⁹

A cerimônia de inauguração da ponte tornou-se relevante por ser a primeira construída na Zululândia pelo Departamento de Assuntos Nativos, após a implementação dos novos planos de desenvolvimento nativo. A ponte foi inaugurada por H. C. Lugg, comissário-chefe dos nativos da Zululândia e de Natal.¹⁰

8 Ele é funcionário do Departamento de Agricultura e não do de Assuntos Nativos, e é independente dos funcionários dos Assuntos Nativos.

9 O veterinário, que representa o governo, nasceu na Swazilândia. Ele fala um zulu rápido e melhor ainda a língua franca, com forte tendência à pronúncia Swazi.

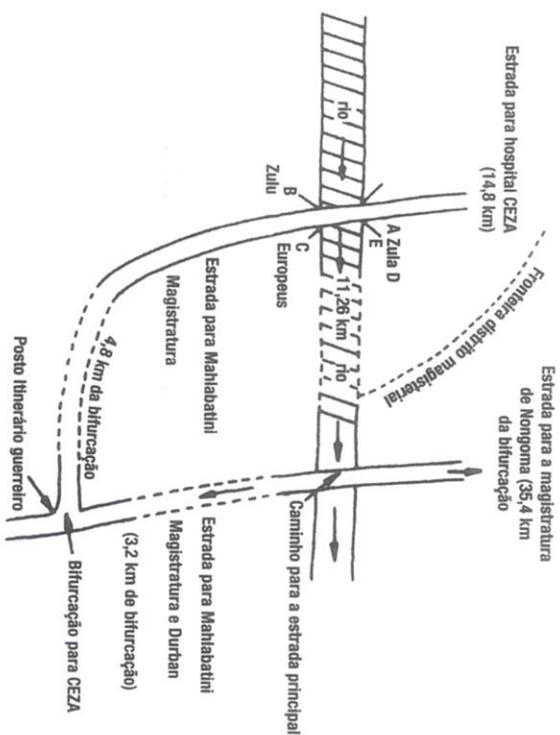
10 Em relação ao seu status, ver Rogers (1933). Na posição de chefe do Departamento de Assuntos Nativos na Zululândia e Natal, ele é subordinado à Secretaria de Assuntos Nativos para o país. Abaixo dele, na hierarquia,

É construída sobre o Rio Umfolosi Negro na direção de Malungwana, no distrito magistratorial de Mahlabatini, numa estrada secundária para o Hospital Ceza da Missão Sueca, alguns quilômetros acima de onde a estrada principal Durban-Nongoma atravessa o rio num caminho de concreto. O Rio Umfolosi Negro sobe rapidamente seu nível durante as chuvas pesadas (às vezes, até 6 metros), tornando-se inavergável. O principal objetivo da construção dessa ponte, nível baixo (1,5 metro), foi o de permitir a comunicação do magistrado de Mahlabatini com a parte de seu distrito localizada além do rio, durante as pequenas subidas dele. Além disso, essa ponte torna possível o acesso ao Hospital Ceza, famoso entre os zulus por sua especialização em obstetrícia. As mulheres zulus frequentemente viajam até 112,65 quilômetros para serem internadas nesse hospital.

Durante nossa viagem, discutimos, em zulu, sobre os vários lugares pelos quais passávamos. Dessa conversa, somente anotei que o veterinário do governo perguntou a Matolana qual era a lei zulu de punição ao adúlterio, pois um de seus funcionários estava sendo processado pela polícia por morar com a esposa de outro homem, embora até então ignorasse o fato de ela ser casada.

No local onde a estrada é bifurcada para Ceza, o magistrado de Mahlabatini havia colocado um zulu, vestindo trajes de guerreiro, para orientar os visitantes. Na estrada secundária, ultrapassamos o carro do chefe Mshiyeni, regente da casa real zulu, que viajava de sua casa, localizada no distrito de Nongoma, para assistir à inauguração da ponte. Nossos acompanhantes zulus dirigiram-lhe a saudação real e nós o cumprimentamos. Além do chefe, que dirigia seu carro, Mshiyeni também estava acompanhado por um oficial militar armado, de uniforme *aide-de-camp*, e mais outro auxiliar.

estão os comissários nativos (que são também magistrados) de cada um dos distritos em que Natal e Zululândia estão divididos.



A ponte está localizada num aluvião, entre margens bem íngremes. Quando chegamos, um grande número de zulus estava reunido em ambas as margens (em A e B no mapa). Na margem ao sul, em um dos lados da estrada (no ponto C do mapa), havia uma barraca, onde a maioria dos europeus estava concentrada. Os europeus haviam sido convidados pelo magistrado local e incluíam a equipe administrativa de Mahlabatini, o magistrado, o assistente do magistrado e o mensageiro da corte de Nongoma; o cirurgião do distrito; missionários e funcionários do hospital; comerciantes e agentes recrutadores; policiais e técnicos; e vários europeus com interesses centrados no distrito, entre eles C. Adams, leiloeiro nas vendas de gado nos distritos de Nongoma e Hlabisa. Muitos estavam acompanhados por suas esposas. O comissário-chefe dos nativos, Lentzner e um representante do Departamento de Estradas da Província de Natal chegaram mais tarde. Dentre os zulus presentes, estavam chefes locais, líderes (*headman*) e seus representantes; os homens que haviam cons-

truído a ponte; policiais do governo; o funcionário dos nativos da magistratura de Mahlabatini, Gilbert Mkhize; e zulus residentes nas proximidades. Éramos, ao todo, aproximadamente 24 europeus e quatrocentos zulus.

Arcos de ramagem tinham sido erguidos em cada extremidade da ponte. Uma fita esticada passava pelo arco da extremidade sul da ponte e seria rompida pela passagem do comissário-chefe dos nativos em seu carro. Um guerreiro zulu, em trajes marciais, estava em posição de guarda perto desse arco. O veterinário do governo converteu-se em um guerreiro (um *induna*¹¹ local) sobre a desinfecção do gado local. Nessa ocasião, fui apresentado ao guerreiro para que pudesse lhe falar sobre o meu trabalho e solicitar a sua assistência.

Enquanto o veterinário do governo e eu conversávamos com vários europeus, nossos zulus juntaram-se ao grupo de zulus. Matolana foi recebido com o respeito devido a um importante conselheiro do regente. Quando o regente chegou, recebeu a saudação real e se juntou aos seus súditos, reunindo rapidamente ao seu redor uma pequena corte de pessoas importantes. O comissário-chefe dos nativos foi o próximo a chegar: cumprimentou Mshiyeni e Matolana, e quis saber sobre a arrite de Matolana. Pelo que pude deduzir, também discutiu com eles alguns assuntos zulus. Depois passou a cumprimentar os europeus. A inauguração foi retardada por causa do atraso de Lentzner.

Aproximadamente às 11h30, um grupo dos zulus que construiu a ponte reuniu-se na extremidade norte dela. Não usavam trajes marciais completos, mas portavam lanças e escudos. Quase todos os altos dignitários zulus trajavam roupas de montaria europeias, embora o rei estivesse usando um termo de passeio. Pessoas comuns trajavam combinações variadas de roupas euro-

¹¹ Isto é, um funcionário político menor. Uso o termo como é empregado na legislação governamental. Essa palavra está sendo aceita na África do Sul e pode ser encontrada no *Dicionário inglês de Oxford*.

peias e zulus.¹² A tropa de guerreiros armados marchou através da ponte, passando atrás da fita na extremidade sul; ali cumprimentou o comissário-chefe dos nativos com a saudação real zulu, *bayete*. Depois, voltou-se para o regente, saudando-o. Tanto o comissário-chefe dos nativos como o regente responderam à saudação levantando o braço direito. Os homens começaram a cantar o *ihubo* (canção de clã), do clã Burezeli (o clã do chefe local que é o principal conselheiro do regente zulu), mas foram silenciados pelo regente. Então, os procedimentos da inauguração tiveram início com um hino inglês, conduzido por um missionário de missão sueca Ceza. Todos os zulus, inclusive os pagãos, ficaram de pé e tiraram seus chapéus.

Mister Phipson, o magistrado de Mahlabatini, fez um discurso em inglês, traduzido sentença por sentença para o zulu pelo seu funcionário zulu, Mkhize.¹³ O magistrado deu as boas-vindas a todos e agradeceu especialmente aos zulus por comparecerem à inauguração. Parabenizou os engenheiros e os trabalhadores zulus pela construção da ponte e ressaltou o valor que esta teria para o distrito. Em seguida, passou a palavra para o comissário-chefe dos nativos, que conhece bem a língua e os costumes zulus. Este falou sobre o grande valor da ponte, primeiro em inglês para os europeus, depois em zulu. O comissário-chefe dos nativos salientou que a construção da ponte era apenas um exemplo do que o governo estava fazendo para desenvolver as reservas tribais zulus. Após o comissário, o representante do Departamento de Estradas da Província falou brevemente, ressaltando que, embora tivesse sido pressionado a construir uma, seu Departamento nunca tinha acreditado na resistência de uma ponte baixa às cheias

do Rio Umfolori. Continuando seu discurso, cumprimentou os engenheiros dos Assuntos Nativos pela implementação da ponte que, mesmo construída a baixo custo, tinha resistido à cheia de 1,5 metro. Anunciou também que o Departamento da Província iria construir uma ponte alta na estrada principal.¹⁴ Adams, um velho zulu, foi o próximo a discursar em inglês e em zulu, mas não disse nada de relevante.

O último discurso foi o do regente Mshiyeni, em zulu, traduzido por Mkhize para o inglês, sentença por sentença. Mshiyeni agradeceu ao governo pelo trabalho que estava sendo realizado na Zululândia. Disse que a ponte possibilitaria a travessia em época de cheia e permitiria que suas esposas fossem livremente para o Hospital Ceza ter seus filhos. Apelou ao governo para que não se esquecesse da estrada principal, onde também era necessário construir uma ponte, pois lá o rio frequentemente impedia a passagem. Mshiyeni anunciou ainda que o governo daria uma cabeça de gado ao povo e que o comissário-chefe dos nativos lhe havia dito que deveriam, de acordo com o costume zulu,¹⁵ derramar a bílis nos pés da ponte, para dar boa sorte e segurança às crianças quando a atravessassem. Os zulus riram e aplaudiram. O regente considerou seu discurso encerrado e recebeu a saudação real dos zulus, que, seguindo o exemplo dos europeus, haviam aplaudido os outros discursos.

O comissário-chefe dos nativos entrou em seu carro e, precedido por vários guerreiros em trajes marciais cantando o *ihubo* Butelezi, atravessou a ponte. Foi seguido, sem nenhuma ordem hierárquica, pelos carros de outros europeus e do regente. O regente pediu aos zulus três vivas (*hule*, em zulu). Ainda tendo os guerreiros à frente, os carros fizeram o contorno na margem

12 Os cristãos usam roupa europeia completa. Os pagãos geralmente usam camisas e, às vezes, casacos sobre cintos de pele (*ibeshu* = cinto de pele, pagão).
13 Não posso reproduzir em detalhe esse discurso ou qualquer outro, já que não pude fazer anotações detalhadas deles. Aqui menciono apenas os pontos relevantes.

14 As estradas principais e suas pontes são conservadas pela província, e as estradas secundárias em territórios nativos, pelo Departamento de Assuntos Nativos do país.
15 Mshiyeni é cristão.

oposta e retornaram. No caminho, um funcionário europeu da magistratura, que queria fotografá-los, pediu que parassem. Todos os zulus presentes cantaram o *ihubo* Burelezi.

Os europeus entraram na barraca para tomar chá com bolo. Uma missionária serviu o regente fora da barraca. Na barraca, os europeus estavam discutindo assuntos zulus e outros mais gerais. Não acompanhei as discussões porque fui à margem norte onde os zulus estavam reunidos. Os zulus locais haviam presenteado o regente com três cabeças de gado. Na margem norte, numa atmosfera de grande euforia, o regente e seu oficial militar atiraram nesses três animais, bem como no animal doado pelo governo. O regente pediu a Matolana para selecionar homens, a fim de esfolar e cortar o gado para distribuição. Depois se dirigiu a um local de vegetação rasteira nas proximidades (D no mapa) para conversar com seu povo e tomar cerveja zulu, da qual lhe haviam ofertado grande quantidade. O regente enviou quatro potes de cerveja, carregados por garotas, ao comissário-chefe dos nativos. Observei, do outro lado do rio, que ele bebeu de um pote que reservou para si, dizendo às carregadoras para beber dos outros potes e então distribuí-los entre o povo. De acordo com a etiqueta zulu, esse procedimento é o apropriado.

O comissário-chefe dos nativos e quase todos os europeus foram embora. A maioria dos zulus tinha se reunido na margem norte, dividindo-se, grosso modo, em três grupos. Na mata de arbustos (item D no mapa), estava o regente com seus *indunas* locais, sentados juntos, enquanto mais longe ficaram os plebeus. Estavam tomando cerveja e con versavam, enquanto esperavam pela carne. Logo acima da margem do rio (item A do mapa), estavam alguns grupos de homens cortando rapidamente três animais sob a supervisão de Matolana; eles faziam muito barulho, baten-do papo em tom alto e rindo. O veterinário do governo, Lentzner e o técnico de agricultura europeia do distrito observavam-nos. Logo atrás, a uma maior distância da margem, o missionário sueco havia arregimentado diversos cristãos zulus que estavam

alinhados em filas e cantavam hinos sob sua direção. Entre os cristãos enfileirados, observei a presença de alguns pagãos. Lentzner pediu a dois guerreiros que posassem ao seu lado para uma fotografia tirada na sua ponte. Os diferentes grupos continuaram cantando, conversando e cozinhando até irmos embora.

Eu tinha passado de grupo em grupo, exceto pelos cristãos que cantavam os hinos. Porém, passei a maior parte do tempo conversando com Matolana, Matole e o chefe Burelezi, a quem conheci somente naquele dia. Matolana tinha que ficar para assessorar o regente, e, por isso, combinamos que o regente o levaria à reunião de Nongoma. Partimos com Richard e o *office-boy* do veterinário. A reunião na ponte duraria ainda o dia todo.

Almoçamos, novamente separados dos zulus, em Nongoma, e fomos, o veterinário do governo e eu, separadamente, à reunião na magistratura. Cerca de duzentos a trezentos zulus estavam presentes. Entre eles, chefes, *indunas* e plebeus. A reunião começou um pouco atrasada, porque Mshiyeni não havia chegado ainda. Finalmente, o magistrado iniciou a reunião sem a sua presença. Após uma discussão geral sobre assuntos do distrito (leilões de gado, gafanhotos e reprodução de touros de qualidade),¹⁶ os membros de duas das tribos do distrito foram dispensados da reunião.

Há três tribos:

- Os Usuthu, a tribo da linhagem real, que constituem o séquito de clientes pessoais do rei zulu (hoje, o regente). Somente o rei detém jurisdição legal sobre os Usuthu, muito embora quase todas as outras tribos na Zululândia acatem sua autoridade.
- Os Amateni, que constituem uma das tribos reais e que são governados por um dos pais classificatórios do rei.

¹⁶ Essas reuniões acontecem pelo menos uma vez por trimestre, e todos os assuntos relacionados ao distrito são discutidos por funcionários, chefes e o povo. São também convocadas reuniões extraordinárias quando necessário.

- Os Mandlakazi, que são governados por um príncipe de um ramo colateral da linhagem real, e que se separaram da nação zulu em guerras civis que se seguiram à guerra anglo-zulu de 1879-1880.

Os Mandlakazi foram requisitados a permanecer na reunião, pois o magistrado queria discutir as brigas entre facções que estavam ocorrendo entre duas das seções tribais. O chefe Amatemi e seu chefe *induna* foram autorizados a permanecer na reunião (Mshiyeni, o chefe Usuthu, ainda não estava lá), mas o magistrado não queria que os plebeus de outras tribos o ouvissem reprimindo os Mandlakazi.¹⁷ O magistrado dirigiu a palavra aos Mandlakazi em um longo discurso, reproovando-os por terem saqueado a propriedade dos Zibebu (*umzikaZibebu*, isto é, a tribo do grande príncipe, Zibebu) e por estarem em uma situação em que são obrigados a vender seu gado para pagar multas para o tribunal de justiça, em vez de alimentar, vestir e educar seus filhos e esposas.¹⁸ Entrementes, Mshiyeni, acompanhado por Matolana, entrou e todos os Mandlakazi se levantaram para saudá-lo, interrompendo o discurso do magistrado. Mshiyeni desculpou-se por estar atrasado e sentou-se com os outros chefes.

Após ter feito suas reprimendas durante um bom tempo, o magistrado pediu que o chefe Mandlakazi se pronunciasse sobre a questão. O chefe Mandlakazi reprovou seus *indunas* e os príncipes das seções tribais em conflito; depois sentou-se. Vários *indunas* falaram, justificando seus atos e culpando os outros; um deles, um indivíduo, que, de acordo com os outros zulus, estava adulando o magistrado para se promover politicamente, fez seu discurso elogiando a sabedoria e a bondade do magistrado. Um príncipe da linhagem Mandlakazi, que, além de membro de uma das seções em conflito, é também um policial do governo, reclamou que a outra

seção tribal estava sendo auxiliada nas disputas por seus vizinhos, membros da tribo Usuthu que moravam no distrito de Matolana. Finalmente, chegou a vez de Mshiyeni falar. Ele interrogou rigorosamente os *indunas* Mandlakazi, dizendo-lhes que tinham obrigação de verificar quem iniciou as brigas e prender os culpados, sem permitir que a culpa recaísse sobre todos que agora brigavam. Incitou os Mandlakazi a não destruírem a propriedade dos Zibebu afirmando que, se os *indunas* não pudessem zelar pela nação, seria melhor que fossem depostos. Por fim, repudiou a acusação de que seu povo estaria participando das brigas.¹⁹ O magistrado endossou tudo que o regente tinha acabado de falar e encerrou a reunião.

Análise da situação social

Apresentei uma amostra típica dos meus dados de pesquisa de campo. Estes são compostos de vários eventos que, embora ocorridos em diferentes partes da Zululândia do Norte e envolvendo diversos grupos de pessoas, foram interligados pela minha presença e participação como observador. Por meio dessas situações e de seu contraste com outras situações não descritas, tentarei delinear a estrutura social da Zululândia moderna. Denomino esses eventos de situações sociais, pois procuro analisá-los em suas relações com outras situações no sistema social da Zululândia.

Todos os eventos que envolvem ou afetam seres humanos são sociais, desde a chuva ou o terremoto até o nascimento e a morte, o ato de comer e defecar etc. Se as cerimônias mortuárias são executadas para um indivíduo, esse indivíduo está socialmente mor-

17 Ele me confidenciou isso à parte.

18 O desentendimento era sobre alguma ofensa banal.

19 Mais tarde, ele proibiu seu povo de comparecer aos casamentos dos Mandlakazi, onde as lutas tinham começado. Baixou também uma lei segundo a qual ninguém deveria dançar com lanças, para que não houvesse feridos se alguma briga eclodisse.

to: a iniciação transforma socialmente um jovem em um homem, qualquer que seja sua idade cronológica. Os eventos envolvendo seres humanos são estudados por muitas ciências. Assim, o ato de comer é objeto de análise fisiológica, psicológica e sociológica. É uma atividade fisiológica, quando analisado em relação à defecação, circulação sanguínea etc.; uma situação psicológica, em relação à personalidade de um homem; e sociológica, em relação aos sistemas de produção e distribuição da comunidade, aos seus agrupamentos sociais, aos seus tabus e valores religiosos. Quando se estuda um evento como parte do campo da Sociologia, é conveniente tratá-lo como uma situação social. Portanto, uma situação social é, em algumas ocasiões, o comportamento de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões. Dessa forma, a análise revela o sistema de relações subjacente entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social, o meio ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade.²⁰

Inicialmente, devo salientar que a situação principal estava se configurando pela primeira vez de uma forma particular na Zululândia.²¹ O fato de os zulus e os europeus poderem cooperar na inauguração da ponte mostra que formam conjuntamente uma única comunidade com modos específicos de comportamento. Somente com base nessa perspectiva se pode começar a entender o comportamento dos indivíduos da forma como os descrevi. Apesar de parecer desnecessário, quero enfatizar esse tipo de abordagem porque foi recentemente criticada por Malinowski (1922) em sua introdução aos ensaios teóricos sobre “cultura de contato” escritos por sete pesquisadores de campo. Malinowski ataca Shapera e Fortes por adotarem uma abordagem similar

20 Sobre o significado sociológico de situações sociais, ver Fortes (1937), Evans-Pritchard (1937, 1940) e Malinowski (1922).

21 É, entretanto, similar às inaugurações de pontes etc. em regiões europeias e à inauguração de escolas e demonstrações agrícolas na Zululândia.

àquela que me foi imposta pelo meu material de pesquisa (Gluckman, 1938b).²² Na segunda parte deste ensaio, examinarei a validade dessa abordagem para o estudo da mudança social na África: aqui, quero somente salientar que a existência de uma única comunidade branco-africana na Zululândia deve, necessariamente, ser o ponto de partida da minha análise.

Os eventos ocorridos na ponte Malungwana – planejada por engenheiros europeus e construída por trabalhadores zulus, que seria usada por um magistrado europeu governando os zulus e por mulheres zulus indo a um hospital europeu, inaugurada por funcionários europeus e pelo regente zulu em uma cerimônia que incluiu não somente europeus e zulus, mas também ações historicamente derivadas das culturas europeia e zulu – devem ser relacionados a um sistema que, pelo menos uma parte, é composto de relações zulu-europeias. Essas relações podem ser estudadas como normas sociais, como pode ser demonstrado pela maneira como zulus e brancos adaptam, sem coerção, seu comportamento uns aos outros. Por isso, posso empregar os termos Zululândia e zululândeses para abranger brancos e zulus conjuntamente, enquanto o termo zulu designa africanos somente.

22 Acredito que a falta de percepção da importância teórica desse ponto enfraqueceu ou mesmo distorceu alguns estudos recentes de mudança social na África, embora certamente todos os especialistas tenham reconhecido muitos dos fatos. Sobre os Pondo na África do Sul, ver, por exemplo, Hunter (1936); sobre os Ganda, ver Mair (1934); e sobre os Ibo, ver Meek (1937). É surpreendente que os antropólogos apresentem uma falha que não poderia ocorrer com os historiadores (por exemplo, W. M. Macmillan e J. S. Marais), economistas (por exemplo, S. H. Frankel), psicólogos (por exemplo, I. D. Macrone) ou mesmo algumas comissões governamentais (por exemplo, a Comissão Econômica Ativa e Gráfica do Governo da União, Pretória, 1922/1932). Possivelmente, porque, ao contrário do que dizem, os antropólogos não se livraram da tendência arqueológica. Entretanto, em outro ponto da mesma introdução, Malinowski (1922, p.22) aponta o absurdo que é não adotar o ponto de vista que ele teoricamente critica: “Gostaria de encontrar o etnógrafo que conseguisse isolar as partes componentes de um africano ocidentalizado”.

Seria possível enunciar inúmeros motivos e interesses diferentes que causaram a presença de várias pessoas à inauguração da ponte. O magistrado local e sua equipe compareceram por dever profissional e organizaram a cerimônia porque estavam orgulhosos de dar ao distrito a contribuição valiosa da construção da ponte. De acordo com seu discurso, o comissário-chefe dos nativos concordou em inaugurar a ponte para demonstrar seu interesse pessoal e dar relevância aos planos de desenvolvimento assumidos pelo Departamento de Assuntos Nativos. Uma consulta ao rol de europeus presentes à cerimônia mostra que os do distrito de Mahlabatini que compareceram à inauguração tinham interesse governamental, ou pessoal, pelo distrito ou pela cerimônia. Além disso, qualquer evento constitui uma recreação na monotona vida dos europeus em uma reserva. A maioria dos europeus sente também obrigação em comparecer a esses eventos. Essas duas últimas razões poderiam ser atribuídas aos visitantes de Nongoma. O veterinário do governo e eu fomos atraídos à inauguração por laços de amizade e também pelo nosso trabalho. Constatou-se que vários europeus levaram suas esposas, o que somente alguns poucos zulus cristãos (como Mshiyeni) fariam em situações similares.²³

Entre os zulus, o regente, honrado por ter sido convidado (o que não teria sido necessário), veio, sem dúvida alguma, para mostrar seu prestígio e reencontrar alguns de seus súditos que ele raramente vê. O escritor zulu e a polícia governamental compareceram a serviço; o chefe Matole e os *indunas* locais vieram por se tratar de um evento importante no seu distrito. Os trabalhadores zulus, que tinham construído a ponte, sentiam-se especialmente honrados. Provavelmente, muitos dos zulus

presentes foram até lá atraídos pela festa, pela excitação e pela presença do regente.²⁴

Vimos que a vinda de Matolana e Richard à inauguração da ponte foi motivada pelas relações incomuns que mantinham comigo. Com exceção do grupo do regente, eram, juntamente com o zulu que acompanhava o veterinário do governo, os únicos zulus a viajar de uma certa distância para comparecer à cerimônia. Para os zulus, a inauguração da ponte era um evento mais local do que para os europeus. Essa é uma indicação da existência de maior mobilidade e comunicação entre os europeus, cujos grupos dispersos em reservas tribais têm um forte senso comunitário. Enquanto a maioria dos europeus de Nongoma sabia da inauguração, alguns zulus de Nongoma sequer sabiam da existência da ponte.

O magistrado local desejava exibir o término das obras da ponte. Por isso, convidou europeus e zulus influentes e solicitou o comparecimento dos zulus locais em um dia especificamente estabelecido; dessa maneira, focalizou todos os seus interesses na cerimônia. Foi também o magistrado local quem determinou a forma da cerimônia de acordo com a tradição de cerimônias similares em comunidades europeias. Entretanto, acrescentou elementos zulus onde fosse possível, para tornar plausível a participação dos zulus e, provavelmente, para dar um toque de cor e brilho à celebração (por exemplo, no lugar de um policial comum, colocou um guerreiro zulu em trajes marciais para indicar o caminho). De forma similar, após um hino ter sido cantado, o comissário-chefe dos nativos sugeriu que a ponte fosse abençoada à maneira zulu. Portanto, a característica principal da cerimônia em si (guerreiros zulus marchando pela ponte, hinos, discursos, rompimento da fita, chás etc.) foi ter sido organizada por um representante do governo com formação

23 As únicas mulheres zulus presentes eram da vizinhança, porém a esposa de Mshiyeni frequentemente o acompanha a celebrações similares. Nunca soube de um chefe pagão que levasse sua esposa às reuniões públicas.

24 Não pesquisei essas questões com o necessário cuidado.

cultural europeia, vivendo em contato íntimo com a cultura zulu. Entretanto, o magistrado somente teve o poder de fazer o que fez como representante do governo, e foi o governo que construiu a ponte. Na Zululândia, além do regente, somente o governo pode promover um evento de importância pública para zulus e europeus. Por isso, podemos dizer que foi o poder organizatório do governo no distrito que deu uma forma estrutural particular aos inúmeros elementos presentes na inauguração da ponte. Da mesma forma, o poder governamental também deu forma estrutural à reunião em Nongoma. Quando Mshiyeni promoveu um encontro de 6 mil zulus na cidade de Vryheid para analisar os debates da primeira reunião do Conselho Nativo Representativo da Nação, apesar de funcionários europeus, policiais e espectadores estarem presentes e de os assuntos discutidos dizerem respeito principalmente às relações zulu-europeias, foram o poder e o capricho pessoal do regente, dentro do padrão herdado da cultura zulu, que orientaram o encontro. Isto é, o poder político tanto do governo quanto do rei zulu constitui hoje forças organizatórias importantes. Mas a polícia europeia estava presente na reunião do regente para ajudar a manter a ordem, embora isso não tenha sido necessário. Na realidade, durante a inauguração da ponte, o regente (como frequentemente faz em ocasiões semelhantes) roubou a celebração dos europeus e organizou uma festa própria.

O magistrado planejou a cerimônia, teve o poder para organizar-lá dentro dos limites de certas tradições sociais e pôde fazer inovações de acordo com as condições locais. Mas, obviamente, a divisão das pessoas em grupos e muitas das ações não foram planejadas. A configuração subsidiária e não planejada dos eventos do dia tomou forma de acordo com a estrutura da sociedade zululandeses moderna. Muitos dos incidentes que registrei ocorreram espontaneamente e ao acaso, como o veterinário do governo discutindo com o *induna*, postado em guarda, perto da ponte, sobre banhos parasitizados de gado; ou o missionário

organizando o coral dos hinos. Entretanto, esses incidentes encaixam-se facilmente em um padrão geral, da mesma maneira como situações semelhantes envolvendo indivíduos se amoldam em cerimônias funerárias ou de casamento. Portanto, a parte mais significativa das situações do dia – as configurações e as inter-relações de certos grupos sociais, personalidades e elementos culturais – solidificou um pouco mais a estrutura social e as instituições da Zululândia contemporânea.

Os presentes à cerimônia dividiam-se em dois grupos raciais: zulus e europeus. As relações diretas entre os dois grupos eram predominantemente marcadas por separação e reserva. Como grupos, reuniram-se em lugares diferentes, sendo impossível para eles confrontarem-se em condições de igualdade. Embora eu estivesse vivendo na propriedade de Marolana e tivesse grande intimidade com a sua família, tivemos que nos separar para nossas refeições, no ambiente cultural do hotel de Nongoma; não poderia comer na cozinha com os zulus, tanto quanto eles não poderiam comer comigo no restaurante do hotel. A separação transpõe em todos os padrões de comportamento zulu-europeu. Entretanto, uma separação socialmente reforçada e aceita pode representar uma forma indireta de associação, na realidade, uma cooperação, mesmo quando levada ao extremo do esquivamento, como testemunha o comércio clandestino na África Ocidental em tempos antigos. Essa separação envolve mais do que a diferenciação axiomaticamente presente em todas as relações sociais. Pretos e brancos são duas categorias que não devem se misturar, como é o caso das castas na Índia ou as categorias de homens e mulheres em muitas comunidades. Embora em suas relações sociais um filho seja distinto de seu pai, também se tornará um pai. Na Zululândia, um africano nunca poderá transformar-se num branco.²⁵ Para os brancos, a manu-

25 Houve, e possivelmente ainda há, casos de homens brancos “virando nativos”. Quando isso ocorre, não podem mais se misturar ao grupo branco.

tenção dessa separação é um valor dominante que transparece na política dos assim chamados “segregação” e “desenvolvimento paralelo”,²⁶ expressões que apresentaram uma falta de conteúdo, como tentarei demonstrar na análise que se segue.

Apesar de zulus e europeus estarem organizados em dois grupos na ponte, seu comparecimento ao evento implica estarem unidos na celebração de um assunto de interesse comum. Mesmo assim, o comportamento de um grupo em relação ao outro é desajeitado, o que não ocorre no interior de cada grupo racial. De fato, as relações entre os grupos são muito frequentemente marcadas por hostilidade e conflito, o que, de certa forma, transparece tanto nas reclamações de Matolana contra o banho parasiticiada do gado como na existência de uma igreja separatista zulu.

A cisão entre os dois grupos raciais é em si o fator de sua maior integração em apenas uma comunidade. Eles não se separaram em grupos de *status* similar: os europeus são dominantes. Os zulus não podiam entrar nas reservas dos grupos brancos, exceto se pedissem permissão, como no caso dos criados domésticos encarregados de servir chá. Entretanto, os europeus podiam movimentar-se mais ou menos livremente entre os zulus, observando-os e fotografando-os, apesar de poucos terem feito isso. Mesmo a xícara de chá oferecida ao regente, como tributo à sua realeza, foi-lhe servida fora da barraca dos europeus. A posição dominante dos europeus transparece em qualquer situação em que indivíduos dos dois grupos se reúnem por causa de um interesse em comum, abandonando a separação, como na discussão verificada entre o veterinário do governo e os dois *indunas* sobre os banhos parasiticiadas de gado, ou no fato de o regente chamar qualquer europeu que encontra, mesmo aqueles que não ocupam

posição governamental, de *nkosi* (chefe), *nkosana* (chefe menor, se jovem) ou *numzana* (homem importante).

Os dois grupos diferenciavam-se em suas inter-relações na estrutura social da comunidade da África do Sul, da qual a Zululândia constitui uma parte. Por meio dessas inter-relações, podem-se delinear separação, conflito e cooperação em modos de comportamento socialmente definidos. Além disso, os dois grupos também se diferenciavam em relação a cor, raça, língua, crenças, conhecimento, tradições e posses materiais. No tocante à cooperação entre os dois grupos, as diferenças são permeadas por hábitos de comunicação. Esses dois tipos de problemas envolvidos estão intimamente relacionados, mas podem ser tratados separadamente, até certo ponto.

O funcionamento da estrutura social da Zululândia pode ser observado nas atividades políticas, ecológicas etc. Politicamente, fica claro que o poder dominante está investido no governo do grupo branco, sob o qual os chefes são, em um de seus papéis sociais, funcionários subordinados. O governo detém a autoridade suprema da força, da penalidade e do aprisionamento. Assim, pode paralisar os conflitos entre facções na tribo de Mandlakasi, muito embora o magistrado, que representa o governo, tente manter a paz por meio de funcionários zulus que lhe são subordinados. Apesar de a eufusivas boas-vindas dadas por Mandlakazi a Mshiyeni indicarem que a superioridade social de Mshiyeni é reconhecida, foi o poder do governo que o habilitou a interferir nos assuntos internos de uma tribo que se havia desligado da sua linhagem real zulu.²⁷

Atualmente, o governo é o agente dominante em todos os assuntos políticos. Embora um chefe nomeie seus *indunas*, havia comentários de que um *induna* estava procurando lisonjear o magistrado com a finalidade de conseguir poder político. Os zulus

26 Uso este termo para abranger todas as atividades diretamente relacionadas ao meio ambiente – agricultura, mineração etc. – ou à fisiologia do povo – saúde, morte etc. Como foi colocado anteriormente, todos esses recursos e eventos são socializados.

27 Pode-se notar que foi a posição do governo britânico na política zulu em 1878-1888 que viabilizou a independência dos Mandlakazi da casa real.

que ocupam posições governamentais constituem uma parte importante da máquina judicial e administrativa do governo. Têm como dever, em relação ao governo, manter a ordem, auxiliar a política governamental, assumir causas jurídicas, ajudar nos banhos parasitícos de gado e muitos outros assuntos de rotina. Entretanto, não têm direito algum de julgar causas criminais importantes, já que somente o governo pode perseguir malfetores (como os ladrões de ovelhas) de um distrito a outro. Contudo, como resultado da divisão entre os dois grupos raciais, há uma diferença nas relações do povo zulu com os administradores governamentais europeus zulus. Tanto o comissário-chefe dos nativos como o regente receberam a saudação real dos guerreiros, mas, enquanto o comissário-chefe recebeu três vivas, a presença do regente e do chefe local *motivou* a entoação de canções tribais zulus. O comissário-chefe dos nativos conversou com os zulus importantes que conhecia. Enviaram-lhe cerveja zulu, mas preferiu tomar chá com o grupo branco. O regente sentou-se com os zulus, tomou cerveja e conversou com eles, até muito depois de os europeus terem se dispersado. O governo forneceu uma cabeça de gado ao povo e o regente foi apresentado pelo povo com três cabeças de gado e cerveja, que o próprio regente distribuiu entre os presentes.

O governo não tem somente funções judiciais e administrativas, desempenha também parte importante nas atividades ambientais. Nas informações precedentes, vimos que o governo construiu a ponte, que foi paga com os impostos coletados entre os zulus; emprega cirurgiões distritais, técnicos agrícolas e engenheiros; organiza os banhos parasitícos e as vendas de gado; e constrói estradas. Mesmo quando chefes e *indunas* participam nesse tipo de empreendimento governamental, não o fazem tão facilmente quanto na organização judicial e administrativa.

Embora os chefes pudessem ter simpatizado com a facção em conflito dos Mandlakazi de uma forma que o magistrado compreenderia, concordavam com este no aspecto de que a paz

em uma tribo deve ser valorizada. Mas Matolana tinha uma série de reclamações sem fundamento científico contra os banhos parasitícos, os quais avaliava num idioma cultural diferente daquele do veterinário do governo.²⁸ Apesar de os zulus terem acolhido favoravelmente a construção da ponte e de Mshiyeni ter agradecido, em nome de seu povo, por tudo que o governo estava fazendo em prol dos zulus, em muitas ocasiões o povo julga que seus chefes têm o dever de manter oposição aos projetos governamentais (Gluckman, 1940b).

Os zulus e os europeus estão igualmente interligados no que se refere ao aspecto econômico mais amplo da vida da Zululândia. Eu havia salientado que os criados domésticos eram admitidos na barraca dos europeus e que a ponte foi planejada por europeus, mas construída pelos zulus. O recrutador de trabalhadores da Rand Gold Minas estava presente à inauguração da ponte. Esses fatos são indicativos do papel que africanos da Zululândia, bem como africanos de outras áreas, desempenham como trabalhadores não qualificados nas atividades econômicas da África do Sul. Também estavam presentes à inauguração zulus que trabalham como policiais do governo e um escrivão zulu. Os zulus dependem do dinheiro que recebem dos europeus pelo seu trabalho para pagar seus impostos (que custearam a construção da ponte e os salários de técnicos governamentais) e para comprar produtos vendidos por comerciantes europeus ou, ainda, para negociar gado com os europeus, por intermédio das vendas de gado promovidas pelo governo, cujo leiloeiro havia comparado à inauguração da ponte. Para sua subsistência, os zulus dependem, em grande parte, da lavoura que o governo está tentando melhorar por meio de seus técnicos em agricultura.

A integração econômica da Zululândia ao sistema industrial e agrícola da África do Sul domina a estrutura social. O fluxo de

²⁸ Do mesmo modo, nem todos os fazendeiros europeus valorizam as necessidades científicas como os técnicos.

trabalhadores inclui praticamente todos os zulus fisicamente capacitados. Em qualquer época, aproximadamente um terço dos homens do distrito de Nongoma está ausente, trabalhando longe da reserva. São organizados, por seus empregadores, em grupos de trabalho similares aos que existem em todos os países industriais. Parentes e membros de uma mesma tribo tendem a trabalhar e morar juntos nos acampamentos ou nas localidades municipais (Philips, 1938). Alguns empregadores, como no caso da Rand Gold Minas, agrupam deliberadamente seus trabalhadores de acordo com a identidade tribal. Entretanto, nos locais de trabalho, os zulus encontram-se, lado a lado, com os bantus de toda a África do Sul. Apesar de sua nacionalidade zulu envolvê-los em conflito com membros de outras tribos, chegam a participar de agrupamentos cuja base é mais ampla que a nação zulu. Raramente estão sob a autoridade dos seus chefes, embora a Rand Gold Minas e os acampamentos Durban empreguem simultaneamente príncipes zulus como *induna* e policiais. Os chefes visitam seu séquito de clientes na cidade para coletar dinheiro e conversar. Significativamente, mesmo as demonstrações de lealdade ao rei zulu em reuniões urbanas têm sido marcadas por alguns indícios de hostilidade. Apesar de os chefes zulus se imporem como tais em suas visitas, não têm, nos locais de trabalho, qualquer *status* legal sobre os indivíduos: as autoridades legais são os magistrados brancos, os supervisores de locação, a polícia, os administradores e empregadores. Apenas os administradores brancos mantêm a ordem e controlam as condições de trabalho, implementando contratos, promulgando leis etc. O chefe zulu pode protestar oralmente, não mais que isso. Mesmo nas reservas, onde zulus vivem de agricultura de subsistência, e embora o grupo branco governe por meio de organizações zulus, os que trabalham para europeus acabam subordinando-se, nessa relação particular, diretamente aos administradores brancos. O chefe zulu não tem a palavra em assuntos que envolvam membros de sua tribo e europeus. O governo e a Corporação de Recruta-

mento de Nativos das Rand Gold Minas agem por intermédio dos chefes a fim de que as reivindicações dos zulus sejam expressas, e, ocasionalmente, pareçam ser atendidas por seu intermédio. Os chefes constantemente reivindicam melhor tratamento e salários mais altos para os trabalhadores zulus; ao mesmo tempo, estão sempre (Mshiyeni, em particular) incitando que os homens de sua tribo saiam para trabalhar.

Uma tarefa importante do governo é manter e controlar o fluxo de mão de obra para satisfazer, se possível, às necessidades de mão de obra dos brancos. Além disso, tenta evitar a fixação de grande número de africanos nas cidades. O trabalhador migrante zulu deixa sua família nas reservas, para as quais depois retorna. Isso inevitavelmente envolve o governo em uma série de contradições, das quais luta para escapar. Nas reservas, a tarefa básica do governo é manter a lei e a ordem, tendo, secundariamente (desde 1931-1932), começado a desenvolver as reservas. O governo foi forçado a implementar as reservas por causa do estado precário em que se encontravam, em consequência da má agricultura e da excessiva alocação em terras inadequadas. Isso se deve, em parte, ao fluxo de mão de obra que proporciona dinheiro aos zulus para compensar as deficiências técnicas existentes nas reservas, sendo possível que essa demanda, em última instância, torne sem efeito o plano desenvolvimentista.

Não posso analisar aqui mais detalhadamente essas importantes questões. Como evidência de que o desenvolvimento é secundário ao fluxo de mão de obra e às demandas nacionais, cito o caso da Rand Gold Minas, que deseja tomar a iniciativa de desenvolver o Transkei (um de seus maiores reservatórios de mão de obra), onde o empobrecimento das reservas tem debilitado a saúde da população. Além disso, o magistrado de Nongoma deu início aos leilões, por meio dos quais os zulus podiam vender suas cabeças de gado nas feiras livres. As vendas fizeram muito sucesso, e em um ano, aproximadamente, dez mil cabeças de gado foram vendidas por 27 mil libras. Em 1937, houve escassez

de mão de obra africana na África do Sul, e, como os empreendimentos agrícolas europeus foram afetados, uma comissão governamental foi nomeada para investigar a situação. Cartas publicadas nos jornais de Natal atribuíram a escassez de mão de obra ao fato de os zulus terem permanecido em suas casas vendendo gado, em vez de saírem para trabalhar (na realidade, as vendas de gado eram realizadas somente em três distritos).²⁹

O magistrado, orgulhoso com o sucesso de suas vendas, aparentemente julgou que elas estavam ameaçadas, pois em seu depoimento à Comissão frisou repetidamente que as vendas de gado de modo algum tinham afetado o fluxo de mão de obra. Entretanto, um velho zulu, reclamando para mim dos salários baixos, disse: "Um dia vamos dar uma lição na Corporação de Recrutamento. Vamos ficar em casa, vendendo nosso gado, sem sair para trabalhar". Em razão da falta de espaço, deixarei de examinar as outras contradições da estrutura da África do Sul com base na forma como emergem na Zululândia.

Os chefes zulus têm pouca influência política nos aspectos econômicos fundamentais da vida da Zululândia. Não estão presentes para controlar a vida comunitária nos locais de trabalho, onde proliferam dormitórios para trabalhadores, grupos sociais e sindicatos que possibilitam a associação dos zulus com bantus de outras tribos e nações, e até mesmo de outros Estados brancos. Não examinarei essas situações em detalhe, pois coletei poucos dados a respeito.

Quanto aos sindicatos, há em Durban 750 africanos que pertencem a quatro diferentes sindicatos, e estima-se que aproximadamente 75% tenham seus lares nas reservas. Em Johannesburg, há 16.400 africanos sindicalizados, 50% dos quais

são das reservas,³⁰ segundo estimativas da Secretaria do Comitê Conjunto dos Sindicatos Africanos. Os índices são irrisórios em relação ao número total de trabalhadores africanos. Em um encontro que contou com a presença de aproximadamente seis mil zulus em Durban, além do regente, príncipes, chefes, missionários e professores, um organizador industrial africano também discursou em um palanque como um dos líderes da nação e foi bastante aplaudido. Os sindicatos africanos estão negociando para obter melhores condições para os trabalhadores, mas não têm ainda força política efetiva. Entretanto, a oposição africana à dominação europeia, liderada por capitalistas e trabalhadores qualificados, está começando a se expressar em termos industriais. Há, no entanto, pouca cooperação entre sindicalizados africanos e brancos (Phillips, 1938).

Essa forma de agrupamentos nos locais de trabalho tem uma base completamente diferente da dos grupos tribais, que confere lealdade aos chefes. As vidas dos trabalhadores migrantes zulus estão nitidamente divididas, já que as organizações às quais se associam nas cidades, juntamente com outros bantus, negros, indus e mesmo trabalhadores brancos, funcionam em situações distintas daquelas que demandam lealdade tribal. As duas formas provavelmente entrarão em conflito e o resultado dependerá da reação dos chefes às organizações sindicalistas. Atualmente, essas duas formas de agrupamento desenvolvem-se sob condições diferentes.³¹

30 Números fornecidos gentilmente por Lynn Saferly, secretário do Instituto de Relações Raciais de Johannesburg, que os recebeu, por sua vez, dos organizadores dos sindicatos trabalhistas africanos. Não posso dizer quantos são zulus, mas provavelmente a maior parte dos homens de Durban é filiada a essa nação.

31 O mesmo argumento aplica-se a outros agrupamentos urbanos. Acerca dessa questão das relações entre a reserva e as organizações urbanas, devo muito a uma carta estimulante do Dr. Jack Simons, cujas pesquisas em áreas urbanas parecem tê-lo levado a um ponto de vista similar ao que cheguei ao pesquisar o final do fluxo de mão de obra.

29 Embora serviços de saúde, veterinária e alguns outros tenham começado muito cedo.

Mais adiante examinarei como a oposição zulu ao domínio europeu está expressa em organizações religiosas. Toda essa oposição – por meio de chefes, igrejas e sindicatos de trabalhadores – não é efetiva e, no momento, reduzida principalmente em satisfação psicológica, pois a severidade da dominação europeia está aumentando (Marais, 1937). Por isso, a oposição ocasionalmente irrompe em revoltas e ataques a polícia e funcionários,³² os quais são energeticamente reprimidos. Tais eventos provocam reação violenta do grupo branco, e, sem fundamento aparente, mas à semelhança do pensamento moderno de feitiçaria e sem base em qualquer investigação, a acusação imediata das partes envolvidas é atribuída à propagação comunista.

A ascendência política e econômica dos europeus sobre os zulus, como capitalistas e trabalhadores qualificados, de um lado, e camponeses e trabalhadores não qualificados, de outro, pode ser em alguns aspectos comparada com outros países. Em todos esses países, a estrutura pode ser analisada em termos similares de diferenciação e cooperação entre grupos econômicos e políticos. Na Zululândia, a estrutura tem adicionalmente características distintivas que, no todo, acenam a separação dos dois grupos e dificultam sua cooperação. A diferenciação entre os dois grupos em relação a atividades políticas e ecológicas, feita flagrantemente com base em critérios de raça e cor,³³ coincide com outras diferenças já detalhadas. Ao descrever a situação, não esbocei essas diferenças com particular atenção e não pretendo aprofundar-me aqui nesses detalhes.

Podemos notar que os dois grupos falam línguas diferentes. O conhecimento da língua de cada grupo pelos membros do outro possibilita a comunicação entre ambos, sendo a posição do intérprete uma instituição social que ultrapassa a barreira da língua. Na inauguração da ponte, ambos os recursos possibilitaram a cooperação dos dois grupos. Dentro de sua esfera isolada, cada grupo usa sua própria língua, embora palavras da outra língua sejam comumente usadas. O *pidgin* zulu-ínglês-afrikans³⁴ desenvolveu-se como modo alternativo de comunicação.

Os dois grupos têm, no geral, modos de vida, costumes e crenças diferentes. Todos os europeus das reservas têm atividades especializadas; os zulus, apesar de também trabalharem para os europeus, são camponeses não especializados com permissão de praticar agricultura somente nas áreas que lhes são reservadas. Lá, vivem sob um tipo de organização social e por valores e costumes diferentes daqueles do grupo europeu, embora sejam afetados em todos os aspectos pela sua presença. Entretanto, mesmo onde as diferenças entre zulus e europeus são marcantes, eles adaptam seus comportamentos em modos socialmente determinados, quando se associam uns aos outros. Assim, funcionários europeus frequentemente fazem um esforço deliberado para satisfazer os grupos zulus, como se viu no uso de guerreiros zulus e no derramamento de bilis na inauguração da ponte. Além do mais, em situações de associação, há um modo regular de reação de cada grupo em relação a certas práticas costumeiras do outro, mesmo quando os dois avaliam essas práticas diferentemente. Zulus pagãos permaneceram de pé e tiraram o chapéu durante a entoação dos hinos em inglês, tendo também aplaudido os discursos adotando costumes europeus. O comissário-chefe dos nativos aceitou a cerveja que lhe foi apresentada como um chefe zulu aceitaria, mas permaneceu separado do

32 Por exemplo, em Vereeniging, em 1937, quando vários guardas civis foram mortos. Zulus amotinaram-se em Durban em 1930.

33 É quase desnecessário notar que o termo "raça" é usado num sentido totalmente não científico na África do Sul. Há muitos escritos e pronunciamentos pseudocientíficos sobre raça (cf. Heaton-Nicholls, s.d.; Huxley et al., 1935).

34 Uso o termo para indicar a base de agrupamentos sociais, não a demarcação científica das raças.

grupo zulu como um chefe zulu não poderia ter agido. Entretanto, ainda subsiste um campo amplo de costumes zulus que muito raramente aparecem nas suas relações com os europeus, exceto o fato de que todas as relações entre os zulus transparecem para o governo, em termos de leis e administração.³⁵ O grupo europeu também tem sua cultura distinta, aliada às culturas dos países europeus ocidentais, porém completamente marcada por suas relações com os africanos.

Existe também a base material da diferenciação e cooperação entre zulus e europeus. Na situação descrita, a cooperação está centrada na ponte e no rio a ser cruzado, sendo geralmente determinada pela mútua exploração, mesmo que diferenciada e separada, dos recursos naturais. Os bens materiais dos indivíduos que pertencem aos grupos diferem amplamente tanto em quantidade como em qualidade e técnicas de uso. Alguns poucos zulus também possuem alguns bens que são comuns entre os europeus, como carros, rifles e boas casas. Nas reservas, os zulus possuem mais terras e gado que os europeus que lá residem, mas, por toda a nação, a distribuição diferenciada de terra entre africanos e europeus tem um efeito importante nas suas relações. Não tenho espaço para discutir a riqueza relativa de zulus e europeus, e é difícil computá-la; os salários nos centros de mão de obra, onde praticamente cada zulu é um trabalhador assalariado, são bem mais baixos para africanos do que para brancos. Nas reservas da Zululândia do Norte (mas não em algumas reservas do sul ou em propriedades agrícolas europeias), a maioria dos zulus tem terra e gado suficientes para suas necessidades imediatas, e alguns deles têm grandes rebanhos. Seu padrão de vida é notadamente mais baixo do que o dos europeus nas reservas. Nos dois grupos,

existe também uma distribuição diferenciada de bens entre os indivíduos. O fato de a separação em grupos raciais representar para o grupo branco, padrões de vida ideais e muitos brancos estarem abaixo enquanto africanos estão ascendendo tem efeitos importantes nas relações entre africanos e brancos.³⁶ O desejo dos zulus por bens materiais dos europeus e a necessidade dos europeus do trabalho zulu, bem como a riqueza obtida por esse trabalho, estabelecem interesses fortes e interdependentes entre os dois grupos. É também uma fonte latente de seus conflitos. No grupo zulu, os polígamos que precisam de muita terra, homens com grandes rebanhos de gado, homens que desejam ardentemente a riqueza europeia, e outros, constituem diferentes grupos de interesse. Por isso, a posse de bens materiais diferentes entre os dois grupos dificulta a diferenciação baseada em critério racial.

Deve-se acrescentar que as relações entre indivíduos zulus e europeus variam de inúmeros modos em termos de norma social geral, apesar de serem sempre por ela afetadas. Existem relações impessoais e pessoais entre zulus e europeus. A relação do comissário-chefe dos nativos com seus milhares de súditos zulus é impessoal, mas com Mshiyeni e Matolana é pessoal. Onde quer que zulus e europeus se agrupem, acabam desenvolvendo relações pessoais de diferentes tipos, ainda que sempre afetadas pelo padrão típico de comportamento. Eu, como antropólogo, estava em condições de me tornar um amigo íntimo dos zulus, de uma forma que os outros europeus não conseguiriam. E fiz isso por causa de um tipo especial de relação social reconhecido como tal pelas duas raças. Mesmo assim, nunca pude ultrapassar completamente a distância social entre nós existente.

35 É óbvio que esses costumes zulus como existem hoje são muito diferentes daqueles de cem anos atrás, em razão do contato com os europeus e dos sucessivos desenvolvimentos internos. Estamos aqui negligenciando os processos de mudança que produziram os costumes atuais.

36 A esposa de um abastado europeu, comentando sobre um europeu que andou 112,65 km para obter um trabalho temporário no distrito de Nongoma, disse-me: "Quando eu penso em todos estes zulus com seu gado, terras e cerveja...". Ela não pôde terminar sua frase (cf. Report of the Carnegie Commission, 1932).

Dentro de ambientes sociais especiais, europeus e zulus têm relações amigáveis, como acontece em missões, centros de treinamento de professores, conferências conjuntas bantu-europeias etc. Nesse caso, cordialidade e cooperação são as normas sociais, afetadas pela norma mais ampla de separação social. Em outras relações sociais – entre administradores governamentais e seus súditos, empregadores brancos e empregados africanos, técnicos governamentais e seus assistentes –, as relações pessoais desenvolvem-se de modo a facilitar ou exacerbar as relações entre os dois grupos raciais. Como exemplo do primeiro tipo de relações (cordialidade e cooperação), cito a maneira como o veterinário do governo se preocupou em ajudar seu auxiliar africano, pedindo esclarecimentos sobre a lei zulu referente ao adultério. O veterinário informou-se sobre o assunto com Matolana porque tinha estabelecido, por meu intermédio, relações mais próximas e mais cordiais com meus amigos zulus do que com outros zulus. Alguns empregadores brancos tratam bem seus criados zulus, respeitando-os como seres humanos; outros os tratam somente como empregados; enquanto outros praguejam e os espancam constantemente (o que é legalmente permitido pela Lei do Patronato e Servidão). Embora seja ilegal na África do Sul e socialmente desaprovado pelos dois grupos, brancos mantêm relações sexuais com zulus.

As relações pessoais, que dependem em parte de ambientes sociais específicos na organização social e em parte de diferenças individuais, constituem às vezes grupos diferentes na estrutura social. São, frequentemente, variações de normas sociais e têm efeitos importantes sobre essas mesmas normas que, por sua vez, sempre afetam essas relações. Posso observar que cada grupo escolhe prestar atenção exatamente às ações do outro grupo que são totalmente fora de proporção, por serem as que melhor se ajustam aos seus valores. Por exemplo, os fazendeiros europeus que residem nas proximidades das reservas têm a fama de mal-tratarem seus empregados zulus. Independentemente de essa

reputação ser justificada ou não, os zulus são sempre capazes de citar casos individuais de maus-tratos para reafirmar a crença social. Se apenas um dos fazendeiros tratar bem seus empregados zulus, sua atitude não afetará a imagem que os outros zulus têm dele ou a imagem que seus empregados zulus têm dos outros fazendeiros. Mesmo se a maioria dos fazendeiros tratasse bem seus empregados zulus, os zulus não poderiam generalizar com base em suas próprias experiências. E como o bom tratamento é rapidamente esquecido e a opressão é sempre lembrada, a crença social permanecerá, mesmo que inúmeros fazendeiros tratem bem seus empregados. Similarmente, uma mera sugestão de um zulu ter feito investidas sexuais sobre uma garota europeia foi o suficiente para provocar violenta animosidade entre muitos brancos em relação aos zulus, na base de que todos os africanos tinham desejos sexuais por mulheres brancas.³⁷ Na realidade, durante muitos anos nada parecido havia ocorrido na Zululândia.

Passo agora a considerar uma relação particular entre os zulus e os europeus, que também constitui uma divisão social dentro do grupo africano: a divisão entre pagãos e cristãos. Durante o canto dos hinos, sob a direção do missionário, tal cisão era marcante, apesar de os pagãos se juntarem aos cristãos e vice-versa. Todos os cristãos usam somente roupas europeias, enquanto poucos pagãos o fazem, com exceção das autoridades políticas importantes. Mas os pagãos tiraram seus chapéus durante o hino europeu e os cristãos cantaram o *ihubo*. Ambos comeram e beberam com o regente. Ambos estavam presentes à reunião de Nongoma. Isso porque a cisão não é absoluta. Observei, além do mais, que, enquanto meu criado Richard é cristão, Matolana é pagão; Richard e seus irmãos pagãos com quem vive devem tratar Matolana como um pai. Cristãos e pagãos saudaram o regente. O regente, cristão, tomou providências para que a blúis

37 O zulu, ao ser acusado de *crimen injuria*, foi absolvido pela Corte sem nenhuma evidência de culpa.

fosse derramada na ponte. Acima de tudo, cristãos e pagãos não podiam misturar-se aos europeus.

A cisão entre cristãos e pagãos está entremeadada por laços de parentesco, cor, aliança política e cultura. O grupo de zulus cristãos está associado – em certas situações e sob certos critérios – ao grupo de europeus, opondo-se ao grupo de pagãos. Entretanto, sob outros critérios e em outras situações, é parte do grupo zulu como um todo, em oposição ao grupo europeu como um todo. Dentro de sua composição como grupo cristão, conta também com a participação do missionário branco. Ele permaneceu com os europeus até que se dispersassem. Somente abandonou sua filiação ao grupo branco e juntou-se ao grupo zulu para organizar o canto dos hinos, cristalizando, dessa forma, a divisão social dos zulus em cristãos e pagãos. A filiação dos zulus cristãos aos dois grupos raciais cria certa tensão entre cristãos e zulus pagãos, que é resolvida apenas parcialmente pelos laços que mantêm em comum e é refletida na existência da seita separatista zulu cristã, cujo líder levei a Nongoma. Essa seita, uma dentre muitas outras, aceita alguns dogmas e crenças do cristianismo com base em crenças de bruxaria, porém protesta contra o controle europeu sobre as igrejas zulus e, por isso, não está ligada aos europeus, como as outras igrejas por eles controladas.

Outras relações entre os zulus e os europeus, anteriormente discutidas, podem também ser consideradas divisões sociais dentro do grupo africano, mesmo que não sejam tão formalizadas quanto à divisão existente entre cristãos e pagãos. Mencionei o efeito da diferenciação da riqueza. Poderíamos classificar os zulus entre os que trabalham e os que não trabalham para os europeus, mas, como quase todos os zulus fisicamente capacitados o fazem durante uma parte do ano, tomariam parte, em diferentes períodos, de grupos diferentes. Entretanto, se o critério da classificação estabelecer que devemos separar os zulus que são empregados permanentemente pelo governo (funcionários burocráticos, técnicos assistentes africanos, policiais e mesmo *indunas* e chefes),

temos um grupo cujo trabalho e interesses coincidem com os do governo, enquanto os dos outros zulus frequentemente não coincidem. A mesma observação se aplica aos zulus que desejam vender seu gado, que estão ansiosos para melhorar sua agricultura ou ir para escolas e hospitais. Pode-se também notar que estes são geralmente cristãos. A divisão, baseada nesses critérios, torna-se flagrante nas reuniões magistratoriais em que os cristãos estão mais dispostos que os pagãos a apoiar o magistrado, o que constitui fonte de conflitos entre eles. Portanto, a associação de certos zulus com europeus, bem como com seus valores e suas crenças, cria grupos entre os zulus que transpassam, em certas situações, a separação dos interesses dos africanos e dos brancos, enfatizando, porém, suas diferenças.

Outras divisões que apareceram dentro do grupo zulu, embora afetadas pelas relações africano-brancas, têm tradição de continuidade na organização social da Zululândia, anterior à ocupação britânica. Os zulus dividiam-se em tribos que mais tarde foram divididas em seções tribais e distritos administrativos. Nessa nova organização política, há uma hierarquia definida de príncipes do clã real zulu e de plebeus, de regente e chefe *induna* da nação, chefe Mandlakazi, além de outros chefes *indunas*. Alguns desses grupos políticos e administradores são unidades no sistema de dominação do governo europeu, conforme ficou demonstrado quando, na reunião em Nongoma, o magistrado interferiu nas relações locais. Ainda assim, embora sejam parte do sistema governamental, são também grupos com base tradicional, o que atualmente lhes confere uma importância que não é somente administrativa em relação aos zulus.

Apesar de o regente não ter sido oficialmente reconhecido pelo governo como chefe da nação zulu, todos os zulus respeitam a sua supremacia.³⁸ É parcialmente por meio de sua organização

38 Ele foi nomeado chefe social da nação zulu pelo governo.

política que eles têm reagido à dominação europeia, pois as autoridades políticas zulus recebem lealdade de seus súditos não somente como burocratas do governo ou por sentimentalismo e conservadorismo, mas também porque parte da tensão política contra o governo é expressa nessa lealdade (Gluckman, 1940b). Na vida social da Zululândia moderna, a organização política é importante, pois determina os agrupamentos nos casamentos, os círculos de amigos nas cidades, os pactos de aliança em conflitos entre facções e as rodas de cerveja. Além do mais, as casas dos chefes e *indunas* são tanto um centro da vida comunitária como de administração. A divisão em tribos cria uma fonte de dissensão dentro do grupo zulu, pois as tribos são hostis entre si. Além disso, sentem sua comunidade como uma nação, tanto em relação a outras nações bantu quanto em relação aos europeus. Entretanto, deve-se salientar que os zulus estão se unindo cada vez mais a outros bantu, em um único grupo africano.

Finalmente, deve-se observar que os zulus, tanto quanto outros bantus, expressam em certas ocasiões forte lealdade ao governo, como ocorre quando estão em guerra. Dentro de um distrito, um administrador governamental, que é popular, pode ganhar a amizade e a lealdade dos zulus, porque para eles é importante e agradável tê-lo no cargo. Mas ainda não entendo a lealdade dos zulus ao governo: é, em parte, resultado da dependência do chefe zulu ao governo, e, em parte, porque expressa seus fortes sentimentos guerreiros em tempo de guerra.

O último conjunto de agrupamentos a ser mencionado é aquele constituído por sítios habitados por um grupo de agnatos com suas esposas e seus filhos. O sítio de Marolana comportava, na época, o próprio Matolana, três esposas, um filho de 21 anos de idade que ficou noivo quando trabalhava em Johannesburgo (depois se casou e passou a morar lá com a esposa e o filho), quatro outros filhos cujas idades variavam entre 10 e 20 anos, dos quais os dois mais jovens são cristãos, e mais três filhas. Uma irmã classificatória de Marolana também lá pousava frequente-

mente, tendo ali se casado, apesar de sua própria residência ser em outro lugar. Um de seus filhos, de 12 anos, arrebanhava o gado para o marido de uma das outras irmãs de Marolana, em um sítio que distava aproximadamente 1,6 km. Perto do sítio de Marolana, localizavam-se os sítios de dois de seus irmãos: um por parte da mãe e o outro por parte de um avô comum. O meio-irmão deste último (por parte de pai) era considerado parte do mesmo *umdeni* (grupo de parentesco local), embora residisse em território vizinho pertencente à tribo Amateni. O sítio de Richard ficava próximo ao de Marolana. Richard e sua esposa eram os únicos cristãos que lá residiam, e o líder do sítio era seu irmão mais velho, abaixo do qual estava outro irmão, depois Richard e, então, o irmão mais novo. Todos eram filhos da mesma mãe, que também morava com eles. Todos os irmãos eram casados, cada um dos dois mais velhos tinha duas mulheres e todos tinham filhos. O sítio foi recentemente mudado, e Richard construiu sua moradia um pouco distante das de seus irmãos, porque queria uma cabana mais permanente. Perto desse sítio Ntombela havia quatro outros (Ntombela é o sobrenome de um clã), além do sítio de um homem cuja mãe era uma Ntombela. Ela havia se casado longe dali, mas deixou seu marido para morar no distrito de seu pai.

Os grupos de sítios agnaticamente relacionados, de muitos clãs diferentes, distribuem-se por todo o país e estão relacionados a grupos similares de seu próprio clã, por meio de laços agnáticos, e a outros grupos, por meio de laços de matrimônio e afinidade. Mesmo onde não existem laços de parentesco entre vizinhos, as relações são geralmente baseadas em termos amigáveis de cooperação.

Grande parte da vida de um zulu é despendida nesses agrupamentos de parentes e vizinhos. Se possível, um zulu associa-se às mesmas pessoas nas cidades como nas reservas. Os agrupamentos de parentes constituem unidades cooperativas particularmente fortes, seus membros ajudando-se mutuamente e

dependendo uns dos outros. Possuem terras em proximidade umas das outras, arrebanham seu gado conjuntamente, dividem as atividades agrícolas, frequentemente trabalham juntos em áreas europeias e ajudam-se em conflitos e em outras atividades. Estão sujeitos às suas próprias tensões, as quais explodem em brigas e culminam em processos judiciais e acusações de bruxaria, resultando, às vezes, na divisão dos sítios e de seus grupos de residência. Entretanto, nos grupos em que existem fortes ligações sentimentais, as tensões causadas por conflitos de filiação a outras divisões no grupo zulu são parcialmente resolvidas.

Embora muitos pagãos se oponham e sejam hostis ao cristianismo, afirmando que essa religião está abalando a cultura e a integridade zulu, não discriminam entre seus parentes cristãos e pagãos. Há fortes laços na vida familiar, capazes de superar a divergência entre cristãos e pagãos, entre homens progressistas que adotam costumes europeus e aqueles que não os adotam. Entretanto, o efeito dos novos costumes está se fazendo sentir cada vez mais, especialmente nesses grupos, e os laços de parentesco estão se enfraquecendo. Por isso, quando tratarmos dos problemas referentes à mudança social, veremos que o grupo europeu influencia marcadamente o comportamento desses grupos zulus, por meio dos cristãos que moram com seus parentes pagãos e os jovens que moram com seus parentes mais velhos.

Podem-se, igualmente, delinear divisões sociais dentro do grupo branco e examinar sua relação com a principal organização em dois grupos raciais. Tal estudo não faz, *a priori*, parte do escopo de minha investigação, mas esse tipo de informação é levado em consideração desde que seja relevante às relações zulu-brancas ou à estrutura interna do grupo zulu. Já me referi às relações entre funcionários do governo, missionários, comerciantes, empregadores, técnicos especializados, de um lado, e zulus, de outro. Aqui, quero indicar alguns problemas que surgem quando consideramos as relações entre esses europeus. Uma análise

dos valores, interesses e motivos que influenciam em diferentes períodos os europeus como indivíduos mostraria que, de acordo com a situação, poderiam fazer parte, exatamente como os zulus, de agrupamentos diferentes na estrutura social da Zululândia. Vimos que o missionário até se uniu temporariamente ao grupo zulu, abandonando o grupo branco. O encontro harmonioso na inauguração da ponte é uma característica das relações entre zulus e brancos no território das reservas. Entretanto, isso não ocorreria facilmente nas fazendas europeias ou nas cidades, onde os conflitos entre os grupos são maiores.

Enfatizei que os funcionários governamentais fazem um esforço deliberado para satisfazer os zulus e devo salientar que isso também é mais comum nas reservas. Embora funcionários sejam obrigados a implementar as decisões do governo branco, muitos se tornam pessoalmente ligados ao povo zulu durante a rotina da administração. Como prezam seu trabalho, desejam que seus distritos prosperem e estão interessados no bem-estar dos habitantes, tomam ocasionalmente o partido dos zulus contra o grupo branco, cuja dominação representam. Controlam, em nome do governo, as relações dos comerciantes, recrutadores e empregadores com os zulus, frequentemente a favor dos interesses destes. Assim, às vezes, quando afetados em seus interesses, outros grupos de europeus se opõem ao trabalho da administração. Mais frequentemente, seus interesses *vis-à-vis* entram em conflito, tanto quanto entre os grupos constituídos de acordo com cada tipo de empreendimento europeu. Contudo, nem-se contra o grupo africano quando agem como membros do grupo branco em oposição ao africano. Com frequência, alguns missionários tomam o partido dos zulus contra a exploração dos brancos, mas deve-se acrescentar que estão, ao mesmo tempo, exercendo sua influência para que os zulus se tornem mais dispostos a aceitar os valores europeus e, conseqüentemente, sua dominação, muito embora a barreira racial possa provocar a hostilidade de muitos.

Tentei delinear o funcionamento da estrutura social da Zululândia, em termos das relações entre grupos, tendo indicado algumas das complexidades que permeiam essas relações, já que uma pessoa pode pertencer a inúmeros grupos que estão às vezes em oposição entre si ou unidos contra outro grupo. Como muitas relações e interesses podem interseccionar-se em uma pessoa, exemplificarei brevemente o que ocorre no comportamento dos indivíduos. Já fiz algumas sugestões a respeito, ao analisar o grupo cristão: vimos que o missionário branco juntou-se por algum tempo aos zulus após os outros brancos terem se dispersado e que Richard era influenciado por seus laços de parentesco com pagãos e por modos de comportamento comuns a cristãos e pagãos. Há outros exemplos. Matolana saudou um policial do governo como um príncipe zulu e, logo após, passou a fazer reclamações sobre o mau tratamento que o governo lhe dispensava, muito embora ele próprio fosse um representante governamental. Matolana ajudou a prender um ladrão para o governo; em prol de seu povo, protestou ao veterinário do governo sobre o banho parasiticida; ficou exultado com a possibilidade de ajudar e trabalhar para o regente; ponderou que seria mais lucrativo abandonar sua posição política junto ao governo e ao regente para trabalhar para si próprio. Na reunião de Nongoma, um policial do governo, que também é príncipe Mandlakazi, reclamou contra a ajuda dos Usuthu do distrito de Matolana à facção em conflito com sua facção tribal, embora ele próprio tenha agido como policial do governo em uma briga entre essas facções. Na inauguração da ponte, funcionários auxiliares e policiais zulus do governo uniram-se ao grupo dos zulus, permanecendo isolados dos brancos, a quem têm o dever de ajudar a governar o país.

Os grupos principais de brancos e zulus estão divididos em grupos subsidiários, formalizados e não formalizados, e, de acordo com os interesses, valores e motivos que determinam seu comportamento em situações diferentes, o indivíduo modifica sua participação nesses grupos. Apesar de eu ter realizado a

minha análise em termos de agrupamentos, outra análise, sobre como valores e crenças determinam o comportamento dos indivíduos, chegaria a conclusões similares. Como sociólogo, estou interessado em estudar as relações dos grupos formados por esses interesses e valores, bem como os conflitos causados pela participação de um indivíduo em diferentes grupos.

Para resumir a situação na inauguração da ponte, pode-se dizer que o comportamento dos grupos e dos indivíduos presentes expressava o fato de a ponte, que era o centro de seus interesses, tê-los unido em uma cerimônia comum. Como resultado de seu interesse comum, agiram segundo os costumes de cooperação e comunicação, apesar de os grupos raciais estarem divididos de acordo com o padrão da estrutura social. Igualmente, a celebração uniu os participantes de cada grupo racial, apesar de eles terem se separado de acordo com as relações sociais existentes no interior do grupo. Nessa situação de cooperação, o poder do governo e a base cultural dos seus representantes organizam as ações de grupos e indivíduos dentro de um padrão que exclui o conflito. Grupos menores separam-se com base em interesses comuns e, se isso for apenas por causa da localização espacial (por exemplo, cristãos e pagãos), não entram em conflito um com outro.³⁹ Nessa situação, todas as reuniões grupais são harmoniosas, incluindo a concentração geral na ponte, por esta ser o fator central, constituindo uma fonte de satisfação para todas as pessoas presentes.

Por meio da comparação dessa situação com inúmeras outras, seremos capazes de delinear o equilíbrio da estrutura social da Zululândia em certo período. Por equilíbrio, entendo as relações interdependentes entre partes diferentes da estrutura social de

³⁹ Devo, porém, notar aqui que, durante a entoação do hino, o missionário reclamou do barulho vindo dos homens que cortavam as reses e da conversa um tanto quanto alta entre o veterinário representando o governo, Lentzner, o funcionário agrícola e eu.

uma comunidade em um período particular. Devo acrescentar, como de fundamental importância para a análise, que a hegemonia do grupo branco (que não apareceu na minha análise) é o fator social principal na manutenção do equilíbrio.

Tentei mostrar que, no período atual, a estrutura social da Zululândia pode ser analisada como unidade funcional, em equilíbrio temporário. Vimos que a existência de dois grupos de cor em cooperação dentro de uma única comunidade constitui a forma predominante dessa estrutura. Esses dois grupos estão diferenciados por grande número de características, o que provoca a oposição e a hostilidades entre eles. O grupo branco domina o grupo zulu em todas as atividades nas quais cooperam, e, embora essa dominação afete todas as instituições sociais, somente se expressa em algumas delas. A oposição desigual entre os dois grupos raciais determina o caráter de sua cooperação. Interesses, crenças, valores, tipos de empreendimentos e variações de poder aquisitivo diferenciam grupos menores dentro de cada grupo racial. Há uma concordância entre alguns desses grupos que transpassa as fronteiras de cor, interligando os grupos raciais por meio da associação de alguns de seus membros em uma identidade de interesses temporária. Entretanto, o equilíbrio entre esses grupos é afetado pelas relações raciais de conflito e cooperação, de modo que cada um une os grupos raciais por um lado, e enfatiza, por outro, sua oposição. As mudanças de participação nos grupos em situações diferentes revelam o funcionamento da estrutura, pois a participação de um indivíduo em um grupo particular em uma situação específica é determinada pelos motivos e valores que o influenciavam nessa situação. Os indivíduos podem, assim, assumir vidas coerentes por meio da seleção situacional de uma miscelânea de valores contraditórios, crenças desencontradas, interesses e técnicas variadas (Evans-Pritchard, 1937).

As contradições transformam-se em conflitos medida que a frequência e importância relativas das diferentes situações aumentam no funcionamento das organizações. As situações que

envolvem relações entre africanos e brancos estão rapidamente se tornando as dominantes, já que um número cada vez menor de zulus está se comportando como membro do grupo africano em oposição ao grupo branco. Tais situações, por sua vez, afetam as relações entre os africanos.

Assim, as influências de valores e grupos diferentes produzem fortes conflitos na personalidade do indivíduo zulu e na estrutura social da Zululândia. Esses conflitos fazem parte da estrutura social, cujo equilíbrio atual está marcado por aquilo que costumamos normalmente chamar de desajustamentos. Os próprios conflitos, as contradições e as diferenças entre e dentro grupos zulus e brancos, além dos fatores que ultrapassam tais diferenças, constituem a estrutura da comunidade zulu-branca da Zululândia.⁴⁰

São exatamente os conflitos imanes no interior da estrutura da Zululândia que desencadearão seu futuro desenvolvimento. Por meio da definição precisa desses conflitos em minha análise do equilíbrio temporário, espero poder relacionar meu estudo seccional comparativo ao meu estudo de mudança social. Portanto, sugiro que, para estudar a mudança social na África do Sul, o sociólogo deve analisar o equilíbrio da comunidade branco-africana em diferentes períodos de tempo e mostrar como sucessivos equilíbrios estão relacionados entre si. Na segunda parte do ensaio, espero examinar mais profundamente esse processo de desenvolvimento na Zululândia. Analisarei a alteração e o ajustamento da estabilidade dos grupos (a mudan-

40 Acredito que "conflito" e "superção do conflito" (fissão e fusão) devam ser dois aspectos do mesmo processo social e que estejam presentes em todas as relações sociais. Conferir as teorias do materialismo histórico e a teoria de Freud sobre a ambivalência nas relações estudadas pela Psicologia. Que eu saiba, Evans-Pritchard (1940) foi o primeiro antropólogo a desenvolver esse tema. Ver também Evans-Pritchard e Fortes (1940). Sobre abordagem ao mal-ajustamento em uma comunidade africana moderna, ver Malinowski (1938, p.13-5).

ca no equilíbrio) envolvidos, durante os últimos 120 anos, na constituição da comunidade da Zululândia em grupos raciais de culturas relativamente diferentes.

II Mudança social na Zululândia

O desenvolvimento da nação zulu

Na primeira parte deste ensaio, analisei o equilíbrio (ou seja, as relações interdependentes entre as partes) da estrutura social da Zululândia no momento atual. Pretendo agora examinar alguns dos processos históricos que produziram esse equilíbrio. Infelizmente, pela impossibilidade de se obterem alguns dados históricos necessários, meu material sobre a mudança social no passado não pôde ser tão completo quanto o apresentado para a análise do equilíbrio atual. No entanto, os documentos existentes sobre a Zululândia são suficientes para indicar certos aspectos importantes.

Na Zululândia, como em qualquer outro lugar, os períodos de relativa estabilidade foram gradualmente substituídos por períodos de rápida mudança. Os primeiros foram marcados por certos conflitos flagrantes que, no decorrer dos anos, se tornaram parte de certo equilíbrio, não mudando seu padrão (Fortes; Evans-Pritchard, 1940, p.11). Entretanto, em última análise, foram esses conflitos que determinaram as direções por meio das quais as mudanças se operaram. Por isso, analisarei o equilíbrio na Zululândia em cada um desses períodos de estabilidade relativa, indicando como os conflitos que alteraram o padrão de equilíbrio ocasionaram certos desenvolvimentos necessários.⁴¹

41 O primeiro período de estabilidade acabou pouco antes da chegada dos brancos à Zululândia. Sua documentação e alguns registros feitos por marujos que os precederam são suficientemente fideis às tradições nativas para

Os povos de língua bantu, que têm uma cultura comum (conhecidos como Nguni) e que mais tarde formaram a nação zulu, saíram do norte e do oeste, antes do século XV, em várias migrações, instalando-se nas províncias de Natal, Zululândia e Transvaal Sudeste. Perambularam pelos séculos seguintes em migrações maiores e menores até se fixarem esparsamente por toda a região fértil.

Os Nguni viviam em pequenas propriedades rurais delimitadas por um círculo de cabanas em volta de um cercado para o gado. Cada propriedade rural era habitada por um grupo de homens relacionados agnaticamente, juntamente com esposas, filhos e outros dependentes. Todos os moradores de uma propriedade rural estavam sob a autoridade do seu chefe, que era geralmente o homem mais velho. A propriedade rural era uma unidade econômica, onde seus membros trabalhavam em conjunto na criação de gado e nas hortas. Cada esposa tinha sua própria horta e poderia ser responsável por uma parte do gado, em adição ao rebanho principal que era mantido pelo patriarca. Os homens arrebanhavam o gado, caçavam e faziam algum trabalho relativo à construção das cabanas, e as mulheres colhiam cana, milho e tubérculos.

As propriedades rurais vizinhas estavam relacionadas umas às outras agnaticamente, embora pudessem também ser encontrados parentes matrilineares ou por afinidade, ou mesmo algum estranho. Um chefe de linhagem estava na liderança de cada grupo de propriedades rurais e, juntamente com outros chefes de linhagem similares, subordinava-se ao chefe da tribo, o herdeiro em linha direta do clã patrilinear eponímico, que era o centro do grupo tribal.

conferir alguma validade à minha reconstrução, que consiste principalmente na interpretação da obra brilhante de Bryant (1929). Há uma quantidade de documentação e de tradições nativas que remonta ao desenvolvimento do primeiro e do segundo períodos. O tempo abrangido pela minha análise foi determinado pela documentação disponível.